

## Conheça as obras do homenageado, Almeida Prado, executadas na 19ª Bienal de Música Brasileira Contemporânea

### *Paná-paná III*

#### Estreia Mundial

“Paná-paná” é o nome que indígenas brasileiros dão às borboletas. Pode-se falar de um ciclo de três peças com esse título. As duas primeiras são trios: um de 1977, outro de 1981, para clarineta, violoncelo e piano. A terceira é, também, a última do compositor, e foi encomendada pela Funarte em 2010.

Almeida Prado foi sucedido na Academia Brasileira de Música por Manoel Aranha Corrêa do Lago, seu grande amigo, a quem dedicou essa terceira obra. Em seu discurso de posse da ABM, o novo acadêmico transcreveu trecho de carta, recebida do homenageado da Bienal, escrita em agosto de 2010, pouco antes de sua morte. Da mensagem, foi extraído o texto a seguir:

“Terminei hoje minha nova obra – *Paná-Paná III* para octeto instrumental.

As borboletas foram a razão de minha inspiração.

O processo do ovo, lagarta, pulpa, e a transformação em radiantes cores e formas cromáticas.

Por isso, a linguagem é cromática (série dodecafônica, atonal e diatônica).

Meu primeiro *Paná-Paná* é de 1977, para flauta, oboé e piano.

Em 1982, o novo *Paná-Paná* para violoncelo, clarineta em si bemol e piano.

Desta vez, o octeto me deu pano para muitas mangas – o quarteto de cordas, o piano, a celesta, vibrafone, marimba e acordeão. Uma mistura heterogênea como as próprias cores das asas da borboleta.

Foi muito difícil compor esta obra, pois dar equilíbrio a instrumentos diferentes, um desafio à *la Villa-Lobos* do *Noneto*, do *Sexteto Místico*.

O acordeão é muito rico, e se mistura bem com outras texturas.

Mais o usei somente como melodia e não acompanhamento harmônico... Para mim, um passo à frente”.

### *Missa de São Nicolau – um tributo à música religiosa francesa*

Ricardo Rocha – Regente da Cia. Bachiana Brasileira

A origem da Missa como forma musical teve lugar quando o desenvolvimento do *Ars nova* tendeu a torná-la uma forma cada vez mais unificada, uma vez que até então a musicalização dessa cerimônia era feita em fragmentos avulsos, sem maior relação musical entre si. As primeiras missas polifônicas a mostrarem um sentido de unidade maior foram obra de diferentes compositores anônimos, que mostraram uma preocupação de criar elos musicais perceptíveis entre as várias seções do gênero, como as célebres *Missa Tournai* e a *Missa Barcelona*. A primeira a ser toda composta por um mesmo autor foi a *Messe de Notre Dame*, o maior monumento musical do século XIV, escrito por Guillaume de Machaut. Com ele, a *Missa* foi a primeira grande forma musical produzida no Ocidente, consolidada nas cinco partes até hoje mantidas: *Kyrie*, *Gloria*, *Credo*, *Sanctus* e *Agnus Dei*.

Guillaume de Machaut (1300-1377) foi o representante máximo do movimento do *Ars Nova*. Esse nome foi tirado do tratado musical do compositor Philippe de Vitry (1291-1361), intitulado *Ars nova notandi*, de 1322, no qual uma nova notação musical foi proposta, baseada no princípio da *isorritmia*, que trata da relação de proporcionalidade entre todas as linhas melódicas da polifonia, possibilitando que as vozes se desenvolvam sobre uma única base rítmica.

O movimento teve origem em Paris, como auge do desenvolvimento da que então passou a ser chamado *Ars antiqua*, nome dado à música produzida pelos compositores da chamada Escola de Notre Dame, cuja influência é reconhecida como importante no trabalho de compositores atuais como Steve Reich e Arvo Pärt. Já o nosso Almeida Prado, homem impregnado da mística católica, não chegou a se declarar influenciado por essa música, mas o fato dele ter estudado em Paris com Nadia Boulanger e o igualmente místico e católico Olivier Messiaen, entre 1970 e 1973, o tornam herdeiro e depositário da tradição musical francesa, especialmente da sua música religiosa. Na *Missa de São Nicolau*, a estética gótica da isorritmia do *Ars Nova* está representada em especial no *Gloria*, com seu belíssimo tema modal exposto em fugato e variado por contração, ampliação e outras técnicas que favorecem padrões simétricos de composição.

A *Missa de São Nicolau*, cujo título original é *Messe de Saint Nicholas*, foi escrita entre 1985 e 1986 por encomenda do Coro e Orquestra da Saint Nicholas Cathedral, de Fribourg, Suíça, onde recebeu estréia mundial em 1987. Sua linguagem é modal, ainda que, em algumas passagens, a superposição de escalas acabe por gerar *clusters* que dão a falsa impressão de obra atonal. A maioria destes blocos, inclusive, é resolvida em acordes tonais maiores, sempre surpreendentes, que encerram todos os movimentos, à exceção do *Sanctus*: dó maior no *Kyrie*; ré maior no *Gloria*; mi maior no *Credo* e fá maior no *Agnus Dei*, indicando uma trajetória ascendente e simbólica, espiritual.

Por fim, Almeida Prado, que também era aquarelista, deixou sua marca pictórica na representação plástico-musical de conteúdos textuais, nos coloridos pastel e diáfano de acordes sustentados, nas tintas fortes e nos blocos “graníticos” de uníssonos em fortíssimo e marchas harmônicas modulantes.

A obra foi estreada em São Paulo, em concerto comemorativo do 60º aniversário do compositor, em 2003, com Lutero Rodrigues dirigindo a Sinfonia Cultura. Após a dissolução dessa orquestra, os materiais da apresentação não foram encontrados. A presente execução, que é a terceira mundial, demandou a revisão de cópia do manuscrito do compositor, assim como sua editoração e revisão da grade orquestral e respectivas partes, além do preparo de uma redução para piano para o trabalho com o coro e os solistas. Essa revisão foi feita com a participação de José Staneck, responsável pela editoração do manuscrito, Danielly de Souza, na revisão da redução para piano, e Constança Moreno, filha do compositor e *spalla* convidada de nossa orquestra, na co-revisão das cordas e marcação das arcadas.

Caro Almeida, receba esta singela homenagem de todos os envolvidos nesse evento, pela passagem do seu primeiro aniversário de vida póstuma.